



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-escrita-vias-de-caminhar-no-tempo/>

A escrita: vias de caminhar no tempo

Luana da Silva¹

RESUMO: Experimentar a escrita para além de palavras, para vê-la como uma escrita-corpo. Através dessa experimentação é possível caminhar pelas memórias, pela atenção do tempo presente e pelos anseios futuros. Uma escrita que vem como maneira de criar novas possibilidades, diante das multiplicidades que estão sendo negadas, destruídas e silenciadas no atual contexto do Brasil. Dessa forma, é uma escrita-corpo que flerta com queimadas, com nascimentos, com mortes, com as mudanças climáticas. Um encontro de palavras, corpos, histórias e seres. Um convite de leitura que escreve enquanto lê e lê enquanto escreve (DALMASO, 2016). Este ensaio tem como característica evidenciar os esquecimentos e aceleramentos. Portanto, um ensaio que se cria por meio das leituras de COCCIA (2020), DALMASO (2016), RAUBER (2021), PONTIN e GODOY (2017) e LARROSA (2004; 2014), produzindo uma escrita como maneira de caminhar pelo tempo.

PALAVRAS-CHAVES: Escrita. Corpo. Experiência.

Writing: ways to walk through time

ABSTRACT: To experiment writing beyond words, in order to see them as a writing-body. Through such experimentation, it is possible to walk through memories, through the attention to the present time and through future longings. A writing that appears as a way of creating new possibilities, facing multiplicities that are denied, destroyed and silenced in the current context in Brazil. Thus, it is a writing-body that flirts with fires, with births, with deaths, with climate changes. It is a meeting of words, bodies, histories and beings. An invitation to a reading that writes while reads and that reads while writes (DALMASO, 2016). This essay has the characteristic to evidence the forgetfulness and the accelerations. Therefore, it is an essay created with the readings of COCCIA, (2020) DALMASO (2016), RAUBER (2021), PONTIN and GODOY (2017) and LARROSA (2004; 2014), producing writing as a way to walk through time.

KEYWORDS: Writing. Body. Experience.

¹ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: luanadasilvaufsm@gmail.com



Marcas e encontros

Experienciar o mundo através dos pés. Encostá-los na terra molhada, na areia quente, na água gelada... Pés que escrevem no tempo deixando suas marcas por onde percorrem formando, assim, simbioses com outros pés que ali também pisaram. São eles, os pés, que carregam histórias minhas, tuas e nossas. Escrever no tempo torna-se uma maneira de compreender as palavras que vão além de escritos, elas são além e muito mais (LARROSA, 2014). As palavras são um encontro de existir, se escreve na ação e na (des)ação de si, é um convite para olhar o silêncio e também as vozes que ecoam interstícios na nossa história. A escrita aqui se torna uma escrita-corpo² (PONTIN; GODOY, 2017), ou seja, as palavras da rotina, do tédio, do silêncio, do coletivo, do tempo e de tudo aquilo que faz você se desconfigurar de conceitos que estão atribuídos somente um significado, é começar a sentir as multiplicidades das palavras que se escrevem e se inscrevem no corpo. Meus pés deixam marcas no tempo que hoje já não reconheço mais, marcas antigas e novas marcas que constituem quem eu sou.

Para compreender essas marcas no tempo, preparo meus pés em uma caminhada nas pegadas de Coccia (2020), Larrosa (2004; 2016), Pontin e Godoy (2017), Dalmaso (2016) e Rauber (2021). É com eles que entendo que esse ensaio é: “Poder-se-ia dizer, talvez, que o ensaio é uma atitude existencial, um modo de lidar com a realidade, uma maneira de habitar o mundo, mais do que um gênero da escrita.” (LARROSA, 2004, p. 32). Portanto, aqui escrevo com o corpo como maneira de abrir vias para caminhar nesta trajetória do tempo.

Faço um esforço para recordar-me dos meus pés tateando o mundo, logo ali na infância: foco no dia do passeio ao parque aquático. Dormi cedo para levantar no outro dia descansada para o passeio, lembro de uma noite inquieta e ansiosa, e de acordar com um leve feixe de luz que vinha do sol - era na época horário de verão -, fiz toda a rotina para sair aquele dia. Dentre dela estava passar protetor solar, posto que muito ouvia na escola sobre raios ultra

² Esse conceito (e esta escrita) é parte de uma operação de produzir meu Trabalho de Conclusão de Curso, o qual pesquisa as noções de escrita como parte do processo autoformativo de uma futura pedagoga.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

violeta, aquecimento global e pouco entendia, mas sabia que era importante passar protetor solar para não me queimar e poder aproveitar o máximo todo o parque aquático. Encontro das marcas, dos pés que não entendiam o que era aquecimento global e dos pés de hoje que entendem o avanço do agronegócio (RAUBER, 2021). Esse avanço, sabemos, que destroem biomas e geram queimadas, as quais liberam gás carbônico, contribuindo para o aquecimento da terra.

As palavras tem tons laranjas,
não as encostos, elas estão ardendo.

Estão quentes,
mas continuo escrevendo
sobre elas e por elas.

Escrevo em tons laranjas,
a importância das palavras
que estão ardendo.

Existo por elas!

Escrevo pela existência
delas.

Dos aceleramentos

Eu vou esquecendo de muita coisa, principalmente daquilo que não é mais tão próximo. Me aproximo de outras coisas e vou esquecendo também. É um processo muito acelerado que às vezes não questiona, se contenta com apenas respostas e não investiga. Ando esquecendo as coisas mais rápido, é como se meus pés deixassem uma marca na areia que logo após é pisada por outro e eu já não conseguisse me lembrar que também pisei ali. Pegadas pegadas



pegadas pegadas encontros encontros escritas escritas informações informações.
Esquecimento das pegadas, onde escrevo nos encontros de informações?

Veja bem, quando me refiro em uma escrita pessoal envolve você, o outro e o outro e também outro, porque meu corpo não escreve sozinho, ele também tem os outros corpos e juntos escrevemos no tempo. Por isso me perco com muitas pegadas que estão distante de mim. As palavras não conversam sempre, elas se desconfiguram, mas criam novas possibilidades de invenção nessa nossa escrita compartilhada. Entretanto, não consigo escrever com quem aprecia e permite que o fogo se espalhe pelas nossas florestas, ou seja, preza palavras laranjas ardentes, ou que vive nesse mundo de informações tão aceleradas negligenciando palavras de corpos que hoje escrevem em outro local que eu não tenho acesso. Aqui, sinto que as minhas palavras encontram-se dolorosas e de certa forma tristes, mas uso delas para afirmar que continuo escrevendo para esses corpos que já não podem aqui nessa vida escreverem comigo.

Assim, as marcas também são memórias e não apenas esquecimento. Escrever para dar sentido às informações, para estar atenta, escrever é também parar, sair da lógica do aceleração. Olhar o entorno por muitos pontos de vista, com várias lentes de câmeras, dar zoom, fotografar instantes e observar aquilo que chama atenção das escritas dos olhos.

Seres

Uma das minhas brincadeiras favoritas quando pequena era o faz de conta de cozinhar, que de fato, eu cozinava na minha linguagem explorando esse universo do imaginário, no qual tudo é tão versátil, é cheio de possibilidades e tudo se transforma. Eu lembro que meu pai sempre me dizia: ‘não pegue as folhas que estão nas plantas ou nas árvores, pegue as folhas que estão no chão.’ Confesso que enquanto criança, achava muito triste brincar com as folhas do chão, estavam sempre secas e muitas vezes não tinha aquele colorido das folhas nas árvores, mas pensava também que arrancar elas de onde estavam era causar um certo tipo de dor e não queria isso. Foi nos encontros de faz de conta de cozinhar com as plantas que comecei minhas primeiras escritas coletivas com a flora. Me invento e me recrio com



todos os outros seres, para além dos seres humanos, é nessa relação de espécies que habitam o mesmo mundo que a minha experiência se torna diferente.

Partilho um pensamento que não é só meu, ele faz parte da escrita conjunta com o grupo de pesquisa que participo, o Fiandar³. Foi nele que pela primeira vez consegui compreender que uma folha seca no chão não está morta, ela está em outro estado se formando outra coisa quando se mescla com a terra, ou até mesmo com a água. Um corpo-escrita, também partilha de escritas sensoriais que vem de outros seres é uma mescla de um todo, o eu é tão coletivo, porque dentro dele existem tantos outros ‘eu’ que coabitam um corpo.

Um corpo habitado pelas secas, pelas chuvas intensas que provocaram alagamentos, pelos agrotóxicos ingeridos em alimentos que duram semanas dentro da geladeira, pelos animais instintos e não instintos, pelos dias de inverno que foram altamente calorosos, pelos dias de verão que fizeram frio. Mas também um corpo que é habitado por movimentos e ações mais subjetivas que não tem um nome ou uma razão. Um corpo de objetos, de vidas, de nascimentos e morte (COCCIA, 2020). Um corpo de escolha. Um corpo que escolhe perceber que a escrita da rotina são palavras entre eu, o outro e todos os seres.

Sensível

A todo momento sou engolida por palavras. Vomito frases, textos curtos, poemas... Não escrevo com finalidade de entender, escrevo para libertar o que fica agarrado em minhas entranhas. Uma escrita com um caráter de voar para onde ela sentir vontade de se aproximar em outro ser, que também possa estar sentindo algo similar com essas palavras viajantes que também foram engolidas por ele.

Escrever também é ler. É uma ação que se entrelaça. Leio enquanto escrevo, escrevo enquanto leio (DALMASO, 2016). Resolvi ler o mundo. Me assusta. Então escrevo. Ler o mundo é conseguir ter generosidade com seres que estão passando por momentos de luta e

³ Fiandar: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria.



de resistência, que tentam sobreviver em meio à situações que parecem não permitirem um coletivo, mas somente interesses de um eu que se enxerga sozinho.

Me coloco no avesso para enxergar aquilo que geralmente não se vê. Convido aquilo que se tem como estranho a ser notado e se mostrar em sua versão mais nua. Olho para o meu entorno de cabeça para baixo, faz mais sentido para mim. Vejo uma árvore, primeiro pelas suas raízes e depois vou subindo pelo seu tronco até chegar em suas folhas. Se faz necessário ver a vida do avesso, com um olhar mais sensível enxergando as raízes dos acontecimentos.

Caminhar no tempo é perceber que passado, presente e futuro não se separam. Quando se enxerga as raízes nota-se os padrões que insistem continuar permeando no nosso entorno, da mesma maneira sem uma ressignificação ou uma mudança de si. Aqueles que escrevem com palavras em tons laranjas, acelerados, negligenciando corpos que hoje já não escrevem mais, não se colocam como uma escrita que escreve com os seres, pensam que escrevem sozinhos, seus corpos são os únicos que ficam intactos e para eles os padrões seguem e as raízes continuam sendo luta dos povos que foram plantados ali.

Experienciar

Minha fruta favorita sempre foi melancia. Comê-la é ter um gostinho de infância na boca, engulo minha infância em cada mordida. É fácil recordar de bons momentos na casa da minha vó embaixo da árvore de ingá que ela tinha na época, eu sem blusa apenas de bermudinha comendo melância com toda a família reunida. Lembro que era verão, outra coisa que amo e quando pequena amava ainda mais, porque podia ficar mais tempo na rua brincando com a minha prima. No verão, quando ia à praia meus pés escreviam na areia e minhas mãos escreviam no vento. O anoitecer às vinte horas sempre me chamou atenção era a mescla de dia e noite coabitando o mesmo espaço e tempo.

Tudo que divide é algo que me interessa. Estamos divididos a todo momento, desde memórias, atenção nos momentos presentes, até nos anseios que estão por vir. A divisão é do micro ao macro, estão entrelaçadas, porque somos uma partícula de átomo nesse espaço que vivemos, e somos também uma rotina de encontro uns com os outros. Relembrar a



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

infância é dividir não somente as minhas memórias afetivas, mas é descrever um pouco de cada ser que vive dentro dessa lembrança. Claro que, às vezes, nos esquecemos de muitas coisas ou lembramos somente de alguns fragmentos, é um processo que acontece no decorrer da vida. Assim, penso que memórias e momentos presentes dão vida a algo novo, nos colocam em um campo de experimentar novas possibilidades de ser e estar. Que nossas memórias não se esqueçam de experimentar e dar uma nova forma às palavras laranjas, aos que não escrevem mais conosco nessa vida. Que a atenção no presente, no meio do percurso das nossas rotinas evidenciam a importância de que escrevemos juntos e combatemos espaço com todos os seres e juntos criamos algo seja ele o que for.

Uma escrita que não cessa...

Caminhar com um corpo palavra é escrever história a todo o momento, é viver numa constante escrita de si, com outro e o mundo. Aqui já se torna claro que essa escrita e essa palavra não é só o ato de parar e escrever algo com um lápis ou por qualquer outro meio. Escrevemos com o corpo de maneiras diferentes e em situações distintas. Escrevemos e somos escritos por outros seres, existimos em uma escrita conjunta que não para.

Um corpo palavra, quando atento, ou atento na sua desatenção, faz da escrita potência, torna o eu coletivo em uma potência que vai muito mais além. Eu, você, os outros e outros seres caminhamos no tempo que não para.

Recebido em: 20/11/2021

Aceito em: 10/12/2021

Referências

DALMASO, A. C. **Fiandografia: experimentações entre leitura e escrita numa pesquisa em educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.



Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no. 21, 2021

COCCIA, E. **Metamorfoses**. -1.ed.- Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2020.

LARROSA, J. **A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 32, 2004.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. -1.ed.- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. – (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

PONTIN, V; GODOY, A. **Das escritas, dos corpos. Afetos e entretempos**. Revista Educação e Filosofia: Dossiê Artes e Oficinas: incursões na filosofia de Deleuze-Guattari, v. 31 n. 63, 2017.

RAUBER, A. C. **Climatologia camponesa: memórias e vivências diante das mudanças climáticas**. ClimaCom, Coexistências e Cocriações (online), Campinas, ano 8, no. 20, 2021.